

GREG BAKER/AFP - 1/10/2019

China exibe mísseis balísticos DF-41 com capacidade nuclear



☉ cou.

Crucialmente, as crescentes opções nucleares da China poderiam moldar o futuro de Taiwan – a ilha democrática que Pequim reivindica como seu território e que depende dos EUA para apoio em segurança. Nos próximos anos, a China poderá adquirir confiança de que é capaz de limitar uma intervenção de Washington e aliados em qualquer conflito.

Na decisão a respeito do destino de Taiwan, a “carta Trump” que os chineses poderão ter nas mãos poderia ser uma “força poderosa de dissuasão estratégica”, para alertar que “qualquer intervenção externa não será nem seria possivelmente bem-sucedida”, escreveu Ge Tengfei, docente da Universidade de Tecnologia de Defesa, na China, em uma revista do Partido Comunista, em 2022.

**REVOLUÇÃO.** Desde que a China testou uma bomba atômica pela primeira vez, em 1964, seus líderes afirmavam que jamais seriam “os primeiros a usar armas nucleares” em uma guerra. A China, considerava, precisava apenas de um arsenal nuclear modesto para ameaçar de maneira crível possíveis adversários com a possibilidade de, caso os chineses fossem atacados, Pequim poderia responder aniquilando cidades inteiras do inimigo.

“No longo prazo, as armas nucleares da China são apenas simbólicas”, afirmou em 1983 o então líder chinês, Deng Xiaoping, explicando a posição de Pequim ao ex-primeiro-minis-

tro do Canadá Pierre Trudeau, durante visita do canadense a Pequim. “Se a China gastar energia demais com isso, nós enfraqueceríamos.”

Mesmo à medida que a China incrementou suas forças convencionais, a partir dos anos 90, seu arsenal nuclear aumentou em ritmo gradual. Quando Xi assumiu como líder, em 2012, a China tinha cerca de 60 mísseis balísticos intercontinentais capazes de atingir os EUA.

Pequim já vinha desafiando cada vez mais seus vizinhos em disputas territoriais e percebia perigo nos esforços do governo Obama de reafirmar o poder americano por toda a região Ásia-Pacífico. Em um discurso no fim de 2012, Xi advertiu seus comandantes afirmando que os EUA estavam “incrementando a contenção estratégica e o cerco em torno” do país.

A China também se preocupava com a possibilidade de sua dissuasão nuclear estar enfraquecendo. Analistas militares chineses alertaram que os mísseis do Exército de Libertação Popular ficavam mais vulneráveis a detecção e destruição à medida que os EUA faziam avanços em tecnologia militar e construíam alianças na Ásia.

Narrativas históricas da oficialidade chinesa reforçavam esse medo. Os estudos do Exército de Libertação Popular com frequência tratam da Guerra da Coreia e das crises motivadas por Taiwan nos anos 50, quando líderes americanos insinuavam que poderiam soltar bombas atômicas sobre a China. Essas memórias

encravaram visões em Pequim de que os EUA são inclinados a usar “chantagem nuclear”.

No fim de 2015, Xi deu um grande passo no incremento da força nuclear chinesa. Trajando seu uniforme verde, de comandante-chefe das forças militares da China, ele presidiu uma cerimônia em que o Segundo Corpo de Artilharia, depositário dos mísseis nucleares da China, renascesse como a Força de Foguetes, elevando-se ao nível de um serviço à mesma altura do Exército, da Marinha e da Força Aérea.

A missão da Força de Foguetes, disse Xi, inclui “incrementar uma dissuasão nuclear crível e confiável, assim como a capacidade de contra-ataque nuclear” – ou seja, uma capacidade de sobreviver a um ataque inicial e contra-atacar com força devastadora.

A China não empreende uma busca apenas por mais ogivas. Seu foco recai também em escondê-las e protegê-las, assim como ser capaz de dispará-las mais rapidamente a partir de terra, mar ou ar. A recém-ungida Força de Foguetes adicionou uma voz mais poderosa a esse esforço.

**TÚNEIS.** Pesquisadores da Força de Foguetes escreveram em um estudo de 2017 que a China deveria emular os EUA e buscar “forças nucleares suficientes para equilibrar a nova situação global e garantir que nosso país seja capaz de ganhar a iniciativa em guerras futuras”. A dissuasão nuclear da China dependeu durante muito tempo de unidades enterradas em túneis profundos, dentro de montanhas remotas. Soldados são treinados para permanecer escondidos em túneis por semanas ou meses, privados de luz solar, sono regular e ar fresco enquanto tentam não ser detectados por inimigos, de acordo com estudos médicos de sua extenuante rotina.

**Disputa**  
**Pequim afirma**  
**desejar unificação**  
**pacífica com Taiwan,**  
**mas pode usar força**  
**se achar necessário**

A Força de Foguetes expandiu-se rapidamente, crescendo em pelo menos 10 novas brigadas, um aumento de aproximadamente um terço, em poucos anos, de acordo com um estudo publicado pelo Instituto de Estudos Aeroespaciais da China, da Força Aérea dos EUA. A China também adicionou à Força de Foguetes mais lançadores rodoviários e ferroviários de mísseis para tentar despistar satélites e outras tecnologias de detecção dos americanos.

Temores chineses a respeito das capacidades americanas, entretanto, persistiram. Mes-

**“Uma capacidade de dissuasão estratégica potente pode forçar o inimigo a desistir de uma ação intempestiva, subjugando-o sem ter de ir à guerra”**

**Chen Jiaqi**  
Pesquisador da Universidade de Defesa Nacional

**“A escada de escalada que eles (chineses) podem aplicar agora tem muito mais nuances”**

**Bates Gill**  
Diretor-executivo do Centro para Análise de China do Instituto Asia Society

mo conforme a China produzia mísseis transportáveis por rodovias, alguns especialistas do Exército de Libertação Popular argumentavam que os armamentos podiam ser rastreados por satélites cada vez mais sofisticados.

Uma solução, argumentaram analistas da Força de Foguetes em 2021, era construir também conjuntos de silos de lançamento de mísseis, obrigando as forças americanas a tentar detectar quais abrigam mísseis reais e quais contêm simulacros, “dificultando ainda mais destruí-los de um só golpe”.

Outros estudos chineses sustentaram argumentos similares em defesa dos silos, e Xi e seus comandantes pareceram levá-los em consideração. O movimento mais ousado até aqui em sua expansão nuclear foi instalar três vastos campos, com cerca de 320 silos, no norte da China. Os silos, instalados em distância segura em relação aos mísseis americanos convencionais, podem conter mísseis capazes de atingir os EUA.

**TURBULÊNCIA.** A expansão, contudo, enfrentou turbulência. No ano passado, Xi substituiu abruptamente dois altos comandantes da Força de Foguetes numa reorganização não explicada, sugerindo que seu crescimento foi prejudicado por corrupção. Este ano, nove oficiais militares graduados foram expulsos da legislatura, indicando uma investigação em expansão.

Esse transtorno poderia diminuir o ritmo dos planos da China sobre armas nucleares

no curto prazo, mas as ambições a longo prazo de Xi parecem estabelecidas. No Congresso do Partido Comunista de 2022, ele afirmou que a China deve continuar a incrementar suas “forças de dissuasão estratégica”.

E mesmo com centenas de silos novos, analistas militares chineses encontram outras fontes de preocupação. No ano passado, engenheiros aeroespaciais chineses propuseram reforçar os silos para proteger melhor os mísseis de ataques de precisão. “Somente isso pode garantir que o nosso lado será capaz de realizar um contra-ataque letal na eventualidade de um ataque nuclear”, escreveram eles.

**DECISÕES.** Líderes chineses afirmam desejar uma unificação pacífica com Taiwan, mas que podem usar a força caso se encontrem sem opções. Se Pequim movimentar-se para tomar o controle de Taiwan, os EUA poderiam intervir para defender a ilha, e a China pode calcular que seu arsenal nuclear expandido poderia representar um alerta potente.

Oficiais militares chineses já emitiram ameaças enfurecidas de retaliação sobre Taiwan antes. Agora, as ameaças da China podem ter mais peso.

Expandir sua variedade de mísseis, submarinos e bombardeiros poderia acarretar em ameaças críveis não apenas a cidades no território continental dos EUA, mas também a bases americanas, por exemplo, no Japão ou em Guam. O risco de um confronto convencional escalar para a guerra nuclear poderia influenciar decisões. Analistas militares chineses argumentam que as ameaças nucleares da Rússia limitaram a resposta dos países da Otan à invasão à Ucrânia.

“A escada de escalada que eles podem aplicar agora tem muito mais nuances”, afirma o diretor-executivo do Centro para Análise de China do Instituto Asia Society, Bates Gill. “A mensagem implícita não é apenas, ‘Somos capazes de destruir Los Angeles com uma bomba nuclear’; é também, ‘Poderíamos aniquilar Guam, e vocês não vão querer arriscar uma escalada se o fizermos’.”

As opções de Pequim incluem cerca de 200 lançadores de mísseis DF-26, que podem ser ou não carregados com ogivas nucleares e são capazes de atingir alvos por toda a Ásia. Os meios de comunicação oficiais da China descreveram unidades da Força de Foguetes praticando alternâncias desse tipo e se gabaram durante uma parada militar a respeito do papel duplo, de arma convencional e nuclear, do míssil – uma revelação aparentemente destinada a assustar rivais. ● **TRADUÇÃO DE AUGUSTO CALIL**